

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 668	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	5800	18900	8950	8120	20 DE JULHO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cautano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	48000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	26500	—	—		

O CENTENARIO DO PADRE ANTONIO VIEIRA



PADRE ANTONIO VIEIRA, FAC-SIMILE DE UM QUADRO EXISTENTE NA SECRETARIA DA IMPRENSA NACIONAL.

(Segundo uma photographia do sr. Camacho)

CHRONICA OCCIDENTAL

Que Lynce me perdõe. Seja tão indulgente na comparação quanto foi amável offerecendo-me novamente as columnas do seu jornal.

Com tanta habilidade soube em chronicas successivas, tratando os casos varios da sociedade, prender a attenção dos assignantes do Occidente, tenha agora bondade como teve talento, e como Lynce me relevem os leitores a pequenina visita que lhes venho fazer depois de tantos mezes de ausencia.

Vai em meio o verão com seus calores. A grande maioria dos ricos abandonou a capital.

Chispam as cumieiras envernizadas dos telhados, luz como pepitas d'ouro a mica das calçadas de granito, recorta-se crua a sombra das casas nos lagos de luz estagnada. A tarde, milhares de pardaes chilreiam nas acacias da Avenida, emquanto as claraboias nos altos da cidade parecem incendiadas pelos ultimos raios do sol a expirar. Mas Lisboa é deserta, como adormecida na grande sesta do anno.

Animam-se agora as aldeias das cercanias da cidade e as pequeninas villas predilectas dos bajefados da fortuna.

Cintra, obra prima da natureza, que os homens pouco a pouco vão estragando, enchendo-a de chalets mesquinhos que arripiam pelo máo gosto e sujam a paisagem com notas irritantes, continua, e ainda com razão, máo grado os homens, a ser a beinquerida da maior parte dos lisboetas.

Animam-se aquellas estradas depois das cinco horas, os Pisões até Seteaeas, a Estephania até a Praça dos toiros. São lindas as sombras das tilias da Quinta Velha, dos castanheiros da Regaleira, dos ulmeiros de Seteaeas, dos cedros da Pena Verde.

No alto da Pena, n'aquelle convento de encanto tamanho que o não puderam desfazer as obras modernas em que o encaixaram, tremula agora o pavilhão real e poucas na Europa haverá habitações tão dignas d'uma princeza.

Entretanto Lisboa, onde as camaras se conservam abertas, tem, por isso mesmo, ainda em alguns pontos, na Arcada sobretudo, um certo aspecto que recorda o inverno.

O povo parece ter despertado do seu indifferentismo politico com as propostas de fazenda apresentadas um d'estes dias ás côrtes pelo respectivo ministro, sr. Ressano Garcia. E que o momento historico é excepcional, é que atravessamos uma crise em que ha de decidir-se a vida ou morte da nação. Ante os olhos medrosos ergue-se pouco a pouco o espectro medonho da miseria. Talvez por isso os rostos se voltam e os olhos se afastam d'um futuro cheio de pesadelos para se fitarem no passado ainda todo luminoso.

O facto gigantesco do descobrimento do caminho da India foi commemorado no quarto centenario da partida de Vasco da Gama. Festas estrondosas se preparam para o anniversario da chegada a Calecut do grande nauta vencedor.

A grande questão que se está debatendo é a forma por que n'esse dia a nação portugueza ha de poder provar que bem mereceu do céu a dita de ter sido berço de tantos heroes tamanhos. Querem alguns que o dia não seja de gala, mas de lucto. Entre tantas opiniões não devemos deixar de apontar a de Thomaz Ribeiro no seu poema — *SENHOR, NÃO!*

Outro nome glorioso portuguez hoje se trata de honrar. Grande orador, politico, theologo, o maior dos nossos classicos, tal foi o padre Antonio Vieira.

Ninguém como elle possuiu a lingua portugueza, nenhum mais do que elle todas as suas delicadezas. Era um poeta no sentir e dispunha d'uma orchestra de palavras maravilhosas para definir um pensamento, fazer uma descripção. Quando brincava com as palavras todas ellas fulgiam como bolas d'ouro nas mãos d'um malabar.

Nascido em Lisboa em 1608, começou a prégar na Bahia em 1635 e foi lá, muito novo ainda, que pronunciou aquelle celebre discurso em que se revolta contra o céu que protegia os hereges e retirava a protecção aos portuguezes. Manifestára-se pela primeira vez o patriota ardente.

Existem no Brazil innumerables cartas ineditas do nosso primeiro classico que bom seria reunir para serem publicadas. Afirmou-me o sr. Celestino José da Silva, conhecido empresario theatral, que muitas tivera na mão, e que vira na posse d'um amigo seu umas vinte ou trinta folhas manuscri-

ptas da ARTE DE FURTAR, cuja letra era indubitavelmente do Padre Antonio Vieira. A ser assim, estaria resolvido um problema que tanto interessa a historia da litteratura portugueza.

Todas estas commemorações no periodo triste que vamos atravessando teem por certo a sua utilidade, porque poderemos talvez achar nos exemplos força para luctarmos contra uma doença fatal, gangrena que nos vae esfacelando e nos pôde trazer um dia a morte. As recordações historicas devem ser como tónico que nos dê alma, não para enthusiasmos transitorios, mas para reagirmos contra os inimigos externos, que não são os peiores, e tambem, e sobretudo contra aquelles que, pouco a pouco, gusanos da podridão, vão espalhando o mal, banqueteados se, sordidos, nas carnes out'ora vigorosas.

Quando foi da questão com a Inglaterra, ha sete annos, um momento de febre fez vibrar os nervos da nação.

Pareceu que aquelle mal tinha vindo por bem, que a chicotada fizera affluir ás faces um sangue rubro e quente, que ao moribundo voltavam de novo as pulsações d'um coração forte. Foi pequena a lição; devêra ter sido maior. O marasmo voltou, a indifferença fez novas victimas.

Entretanto alguns se mostraram dignos na adversidade, continuaram caminhando na estrada que o dever lhes ensinou.

Bem merecem da patria esses que formaram a commissão executiva da grande subscrição nacional. E, se foi pequeno o resultado, se não respondeu ao que era de esperar do patriotismo da nação, não foram os membros d'aquella commissão os culpados, mas tão somente, o que tudo estraga sempre em Portugal, as mesquinhas, miseraveis paixões politicas, tão cheias de más consequencias como faltas de ideal.

É brevemente esperado no Tejo o cruzador *Adamastor*, construido em Livorno á custa da grande subscrição, e pela commissão entregue ao governo que lhe dara destino. Em reunião da grande assembléa assim foi determinado que se desse applicação aos fundos subscriptos.

Os portuguezes residentes no Brazil, seguindo o nobre exemplo de seus irmãos d'aquem-mar, vão offerecer ao governo portuguez um couraçado a que puzeram o nome de *Patria*. Esse nome diz tudo, diz saudades e diz esperanças.

Por aqui se vê que se alguns, cruzando os braços e julgando tudo perdido se deixam ir ao fundo, enquanto outros tratam apenas do proprio corpo deitando mão aos salvados, muitos ainda querem a lucta a todo o transe, porque para elles, em meio da borrasca, luz o santelmo no alto dos mastros. A coragem para a lucta é ainda um elemento de victoria.

Seja pois nas tradições gloriosas que se beba como em fonte milagrosa o licor das novas energias que nos não de tonificar os musculos.

É não é só pelo lado patriótico que desejaríamos velas respeitadas. A arte em Portugal está perdendo completamente o caracter.

É raro hoje nas provincias do sul encontrar os trages que tão característicos foram e tão elegantes tornavam as mulheres formosas do Baixo-Alentejo. Se atravessarmos o Algarve maior será a tristeza pela falta de senso artistico do nosso povo.

Na architectura não falemos. Em Faro onde existem velhos palacios de linhas architectonicas nobilissimas e onde a igreja de S. Francisco nos mostra um dos mais bellos exemplares existentes em Portugal da arte do seculo passado, a maioria das casas modernas que ostentam um certo luxo são horribes exemplos do que um mestre d'obras sem vislumbres de cultura intellectual pôde gerar de mais peccaminoso em ornatos baratos parecendo ricos.

Uma miseria. A invasão do chalet com todos os seus bastardinhos.

Não admira que seja assim na provincia, quando, ás portas de Lisboa, se offenderam, quasi sem protestos, monumentos de altissimo valor como os Jeronymos e a Torre de Belem.

Dos velhos conventos, onde existiam preciosidades religiosamente conservadas pelo amor dos que n'elles habitavam, quanto ha desaparecido sem que hoje seja possível saber-lhe do paradeiro!

É essa indifferença para tudo que nos mata, de braços abertos para um cosmopolitismo ordinario, que nos seduz nas artes, na politica, nas relações sociaes.

Mais um convento acabou agora, e esse muito celebre, porque era das primeiras casas de educação em Lisboa. Morreu a ultima freira das Salesias. Muito velhinha, desde criança entre aquellas paredes que para ella resumiam o mundo, levou a vida tranquillamente, dedicando-se de

alma e coração ao ensino das crianças. Chamavam-lhes ellas a *nossa mãe*, e n'esse titulo carinhoso estavam perfeitamente definidas a sua bondade, a caridade extrema com que enchia de carinhos as cabecinhas que todos os dias se inclinavam perante a santa velha, quando as boquitas rosadas se estendiam para beijar-lhe a mão. E n'uma musica de beijos a *nossa mãe* deu a alma a Deus.

Quando tantos motivos que inspiraram poetas vão desaparecendo, desembarca em Lisboa um dos melhores poetas que não trovado em lingua portugueza.

Nomeado secretario para a legação do Brazil n'esta côrte, chegou ha poucos dias, Raymundo Corrêa, o grande artista brasileiro, auctor d'aquelle celebre soneto *As pombas*, que todos conhecem, que muitos sabem de cor, e que é dos melhores trechos escriptos na lingua de Vieira.

Vai-se a primeira pomba despertada,
Vai-se outra mais, mais outra, emfim dezenas
De pombas fogem dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada.

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes, de novo, ellas serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada.

Tambem dos corações, onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes.

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem; mas aos pombaes as pombas voltam
E elles aos corações não voltam mais.

Perdõe-me o illustre poeta o ter-lhe roubado para a minha chronica uma chave d'ouro.

João da Camara.

BI-CENTENARIO DA MORTE

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

Como tentar em rapidos tracos dar uma idéa rasoavel da vida e do caracter de um dos homens mais notaveis de que Portugal se ufana, de um dos mestres da nossa lingua, de um dos primeiros oradores sagrados que a christandade tem ouvido, de um homem cuja intelligencia, vastissima e omnimoda, abrangendo todos os assumptos, resplandeceu em todos os campos, brilhou em todas as esferas; emfim, de um homem que se chamou padre Antonio Vieira?

Absolutamente impossivel. E n'essa difficuldade alongámos o presente artigo, mas não superámos o estorvo, deixando por isso de attingir o nosso fito, e apenas escrever um desmaiado esboço do vulto, a cujo bi-centenario de sua morte, ora um grupo de portuguezes prestou homenagem.

O padre Antonio Vieira ha de ser sempre apreciado, domine a escola que dominar, e n'isto está o seu elogio. Não fallamos d'elle agora com aquelle enthusiasmo que inspirou aos seus contemporaneos, mas vendo serenamente o que julgavam d'elle as proprias escolas suas inimigas.

Seja a primeira citação colhida n'um dos mais austeros juizes e implacaveis censores, *Candido Luçitano*:

«Possuia em grau sublime todas as delicadezas, propriedades e energias da sua lingua. E no sentir commum dos doutos o classico mais auctorizado, e por isso ninguem duvidou jámais usal de vocabulo, phrase ou expressão usada nos seus escriptos, exceptuando uma ou outra palavra que o uso deu por antiquado. *Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira* é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilidades do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos que escrevesse tanto e sobre tão diversos assumptos.»

Não se pôde dizer mais. Bastaria esta opinião para tornar aquelle que a motivou digno de todos os respeitos dos que fallassem a mesma lingua.

Passemos a outro critico mais moderno, a D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Vizeu, para quem as obras de Vieira são como um *monumento admiravel da propria linguagem*, e que entende:

«se o uso da nossa lingua se perder e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos que não sejam os escriptos e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania.»

Citadas assim, em brevíssimas palavras, duas opiniões de criticos que menos deveriam sympathisar com Vieira, o consultarmos os escriptores modernos no que dizem a seu respeito era tecer uma grinalda de apaixonados louvores.

Mas nas phrases de D. Francisco Alexandre Lobo, que acima transcrevemos, está crystallizada, condensada como n'uma synthese, toda a valia litteraria do eloquente pregador.

Está dito tudo, quando se afirma representar a obra de um escriptor a integridade perfeita da sua propria lingua.

Bastaria este ponto de vista para auctorisar todas as homenagens á memoria de tal escriptor, se outros predicados não brilhassem na sua individualidade, como succede na de Vieira, cuja vida tão accidentada e cheia de attribuições constitue uma exemplificação ensinadora.

A biographia do celebre pregador não se póde, pois, condensar, porque quando um homem da envergadura de Antonio Vieira vive noventa annos, a descripção dos seus actos levaria mezes a fazer; a simples enumeração d'elles pediria um largo espaço, de que não podemos dispôr.

Affeição-nos pois ás questões principaes, e a do seu nascimento aquella que mais merece ser tratada. Hoje está ella irrefragavel e indiscutivelmente averiguada; mas nenhum facto na biographia de Vieira teve o condão de despertar maiores controversias como a sua naturalidade. Para isso contribuiu o ter ido para a Bahia em tenra idade, onde o julgavam nascido os seus admiradores, datando de ha poucos annos, relativamente, a luz feita no assumpto.

E' tão antiga a confusão havida, que já no tomo VIII dos *Sermões* do padre Antonio Vieira, impresso em 1604, em Lisboa, tres annos antes do fallecimento do auctor, se lê a pag. xxiv a seguinte *advertencia necessaria*, composta, como afirma Innocencio no seu *Diccionario Bibliographico*, em caracteres graudos, e escripta como deve suppor-se pelo proprio Vieira:

«Porque sendo o auctor tão conhecido em todo o mundo, ainda anda em opiniam donde he natural & de presente sabio um livro impresso que o faz natural da Cidade da Bahia: he bem se saiba, que o Padre Antonio Vieira nasceu em Lisboa, & foy baptizado aos quinze de Fevereiro do anno de mil, & seicentos, & oito, na Sé da mesma Cidade, sendo Cura della o Padre Jorge Perdigão, & foy seu Padrinho o Conde de Uham, D. Fernando Telles de Menezes.»

Isto se confirma tambem pelas respostas que Vieira deu nos interrogatorios que se lhe fizeram no processo que lhe formou a Inquisição em Coimbra, cujo original está hoje na Torre do Tombo.

Ahi declarara, em 20 de outubro de 1663:

«Que tinha cincoenta e cinco annos de idade; que nascera em Lisboa, na rua dos Conegos, e que fôra baptizado na igreja da Sé, sendo seu padrinho o conde de Unhão, o velho, Fernão Telles de Menezes, e não tivera madrinha. Que seu pae se chamava Christovão Vieira Ravasco, fidalgo da casa real, natural de Santarem (André de Barros dá-o por natural de Moura, e sua mãe D. Maria d'Azevedo, natural de Lisboa. Seu avô paterno Balthazar Vieira Ravasco, sem officio, e segundo lhe parecia, natural e morador na villa de Moura. De sua avô paterna não sabia o nome, nem tinha noticia alguma. Seu avô materno foi Braz Fernandes d'Azevedo, homem nobre, natural e morador de Lisboa. Ignorava egualmente o nome e a naturalidade de sua avô materna. Foi chrisimado na igreja dos Martyres de Lisboa, pelo arcebispo D. Miguel de Castro, mas não sabia quem fôra o padrinho, e que de idade de sete annos sahira de Lisboa para o Brazil» etc.

Novamente interrogado, em 20 de novembro de 1668, sobre a sua genealogia, reproduziu as declarações já feitas, acrescentando:

«que seu avô paterno era natural e morador da Villa de Moura, como seu pae por muitas vezes lhe dissera; que de sua avô paterna não tinha noticia, nem lhe sabia o nome, patria e habitação; e se fôra com elle casado ou não; e só lhe lembrava, pelo ouvir muitas vezes, que seu pae dissera que foram casados. Que nenhuma noticia ti-

nha de tios, primos, ou quaesquer outros parentes collateraes, quer paternos quer maternos, bem que alguns sujeitos se lhe inculcassem por tões, como haviam sido dois, que quinze annos antes lhe appareceram no collegio de Sancto Antão, dizendo-se da villa de Moura, etc. Que ao crear-se a Relação do Brazil, fôra seu pae despachado escriptão dos Aggravos d'ella, e que de tal emprego vivera na Bahia, até ser extincta a mesma Relação. Que em 1613 veio seu pae ao reino, para os levar a sua mãe e a elle, até então filho unico, como effectivamente os levou para a Bahia em 1614, sem mais motivo que o de ter lá aquelle emprego. Que durante a ausencia de seu pae vivera sempre com sua mãe, na freguezia dos Martyres; que d'esse tempo conhecia sómente de as ver algumas pessoas, sem nunca lhes fallar: que nunca fôra á escola, por haver sido sua mãe que lhe ensinara a ler em sua casa; que era uma senhora tão recolhida, que só sabia para ir á igreja e nunca a ouvira fallar senão com os seus proprios criados» etc.

Ainda mesmo em terceiros interrogatorios, nunca se póde obter que Vieira fallasse mais clara e positivamente acerca de sua avô paterna, dando lugar com essa premeditada repugnancia a inferir-se que na sua ascendencia havia, por esse lado, algum defeito, que pretendia occultar, pelo que o Sancto Officio procurou averiguar se elle era de sangue inteiramente limpo se de raça infesta, de mouro, judeu, ou christão novo. Das testemunhas inquiridas, apenas algumas contaram ter ouvido que Balthazar Vieira Ravasco, criado antigo que fôra da casa de Unhão, *tivera conversação com uma mulata*, da qual proviera um filho, que foi Christovam Vieira, pae do padre.

Por tudo isto, a meza da Inquisição de Coimbra proferiu em 4 de junho de 1667 a sua sentença, confirmada em 14 do dicto mez por outra do Conselho geral em Lisboa, de que contra o P. Vieira se devia proceder como contra pessoa de cujo sangue não constava ao certo, pois que as testemunhas não produziam prova perfeita.

Deixando por aqui a questão da naturalidade de Vieira, cuja discordancia se levou até á busca da certidão do seu baptismo, que por felicidade se encontrou, pondo-se termo a todas as duvidas, proseguiremos rapidamente.

E o proprio padre Antonio Vieira quem nos conta ter sentido uma grande vocação para a vida religiosa, n'uma tarde de março de 1623, em que ouviu pregar o padre Manoel do Carmo.

Ao sentir desabrochar em si o talento oratorio e vendo que só no pulpito devia triumphar, Vieira fugiu de casa e internou-se contra vontade de seus paes no collegio dos jesuitas, onde fez extraordinarios progressos.

Aos 17 annos, era encarregado de escrever para Roma as cartas annuaes em latim, e aos 18 annos foi ensinar rhetorica para o collegio de Olinda.

Em 1633, ordenou-se padre, começando desde então nos seus sermões a afirmar os prodigiosos dotes de orador que o distinguiram. Nos primeiros vãos logo se alcançorou ás maiores alturas, porque foi no principio de 1640 que pronunciou o celebre sermão contra os holandezes.

Chegando á Bahia a noticia da restauração de Portugal, foi este movimento alli acompanhado pelo marquez de Montalvão, o qual querendo participar isso para Lisboa, enviou seu filho, acompanhado dos dois jesuitas mais eminentes: Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos.

Em 1 de janeiro de 1642, temos pois Antonio Vieira pregando pela primeira vez em Lisboa na capella real.

O effeito produzido e o éxito alcançado foram verdadeiramente prodigiosos. João Francisco Lisboa, o seu admiravel biographo, e D. Francisco Alexandre Lobo são unanimes em affirmar este facto.

Acolhido por D. João IV, como amigo dilecto, o padre Antonio Vieira mostra-se-nos então d'uma duplicidade censuravel.

Muitas vezes os seus sentimentos patrioticos tomaram passo ás suas idéas de jesuita e não poucas succedeu o contrario. Grandes desgostos teve no seio da Companhia pela sua ingerencia nos negocios publicos. Em 1650, foi o padre Antonio Vieira encarregado d'uma missão diplomatica de alta importancia, mas que nada tinha de patriótica.

Tratava-se de terminar a guerra entre Portugal e Hespanha, por meio do casamento do principe D. Theodosio com uma filha de Philippe IV. Era a reconstituição da união iberica que se planeava

assim, ficando Lisboa como capital de tão vasta monarchia.

Felizmente gorou a combinação.

Entretanto, a Companhia de Jesus, achando em Vieira uma rara independencia, o que era contrario ás suas regras de cega obediencia, machinou a ordem de que o celebre pregador fosse para as missões do Maranhão.

Por um conjuncto de circumstancias difficeis de enumerar, o padre Antonio Vieira viu-se obrigado a partir, tendo uma viagem trabalhosissima, como quasi sempre lhe aconteceu.

Chegou ao Maranhão em principios de 1653, sendo recebido com grande jubilo. Debatia-se n'essa occasião uma causa apoiada e muito justamente pela Companhia, a da emancipação dos indios escravos. A tal estado chegou a questão, que foi encarregado o padre Antonio Vieira de vir solicitar da metropole as necessarias resoluções, partindo para Portugal, ás escondidas, no dia seguinte ao ter pregado o famoso sermão de Santo Antonio fallando aos peixes, que é uma obra prima da sua eloquencia.

Na viagem, cahiu em poder de um pirata holandez, que depoz os roubados em terra das ilhas dos Açores. Algum tempo se demorou ahi o padre Antonio Vieira, pregando na Ilha de S. Miguel o seu admiravel sermão de Santa Theroza.

Em novembro de 1654, chegou a Portugal, e, tendo obtido o que desejava, partiu de novo para o Maranhão em 1655.

Em fins de 1661, chegou a Lisboa, vindo sob prisão. Acolhido benevolamente pela rainha, tornou-se o seu braço direito.

Mais tarde, desamparado Vieira pelo governo que então presidia, a Inquisição de Coimbra formou-lhe o processo a que alludimos e que de certo teria terminado desastrosamente para elle se não fosse a grande popularidade que destruetava.

Para que se esquecessem do conflicto que tivera com a Inquisição e por não ter então valimento politico, partiu o padre Antonio Vieira para Roma, onde foi recebido pelos jesuitas com as maximas honras e maiores distincções.

Em 1674 veio a Lisboa, de onde se resolveu a ir para a Bahia, passados uns cinco annos. Demorou dois annos ainda a sua partida, porque tendo já 75 annos de idade lhe custava bastante a deixar a patria.

Foi em 1681 a sua partida para a Bahia e lá morreu apoz tristes vicissitudes, no dia 18 de julho de 1697.

Grandes e solemnes foram as exequias que então se lhe fizeram no Brazil e em Lisboa.

Só então, n'essas pomposas ceremonias, irrompeu a deploração unanime da falta immensa que aquelle gigante, aquelle athleta da palavra, fazia á sua patria.

Desapparecidas as manchas que ensombravam a photosphera do seu caracter, brilhou com visisimo esplendor o sol radioso do seu ingenho e só então se viu o que havia de grande e sublime no seu genio.

Volvidos hoje duzentos annos sobre esse dia de luto na eloquencia e nas letras patrias, comportemo-nos hoje da mesma forma, e exaltemos o que se deve exaltar, porquanto o padre Antonio Vieira é uma enorme figura que, enchendo o seculo XVII, nos colloca a nos em logar primacial e devido, no seculo das grandes revoluções philosophicas.



AS NOSSAS GRAVURAS

O RETRATO DO PADRE ANTONIO VIEIRA

O retrato do P.^o Antonio Vieira que hoje damos nas paginas do OCCIDENTE, é fac-simile de um quadro existente na secretaria da Imprensa Nacional e que por extrema amabilidade dos srs. dr. Venancio-Deslandes dignissimo administrador d'aquelle estabelecimento e Francisco Angelo Pereira de Almeida e Sousa, dignissimo contador, podemos obter para reproduzir aqui.

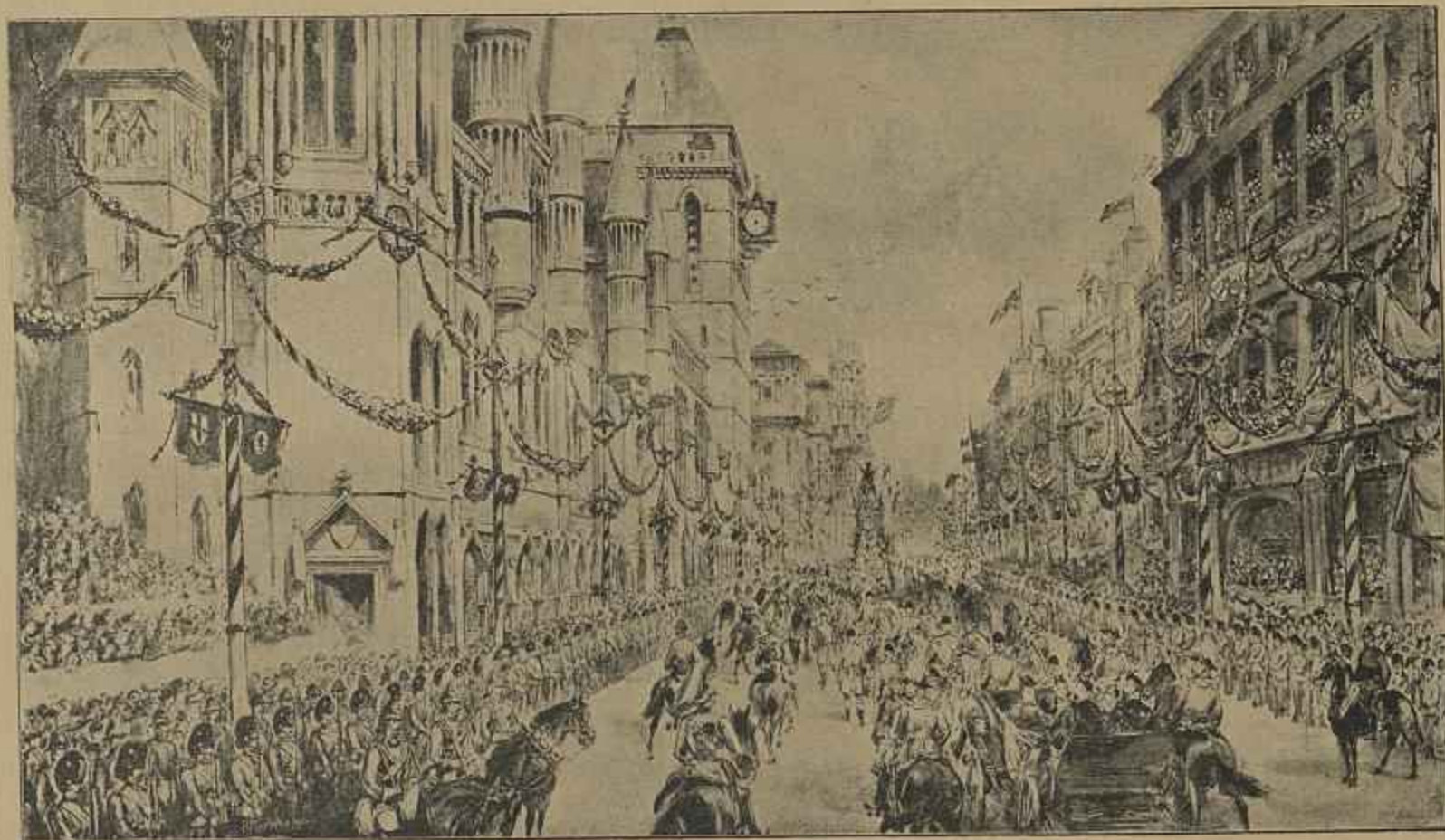
Entre os retratos que conhecemos do celebre jesuita, foi este o que nos pareceu melhor e por isso o preferimos.

Este retrato existe na Imprensa Nacional desde 1801, para onde veio com outros, da Officina do Arco do Cego, quando esta foi dissolvida e incorporada na Imprensa Regia.

Se este retrato é autentico não o podemos af-

¹ Este despacho consta da carta de mercê de 12 de setembro de 1668, registada na chancellaria de D. Filipe II, liv. 23, fol. 92 v, na Torre do Tombo.

O JUBILEU DA RAINHA VICTORIA



O GRANDE CORTEJO PASSANDO EM LAW COURTS

firmar, entretanto o quadro tem todo o caracter das pinturas da época e só nos quer parecer que soffreria alguma restauração, mas que não o prejudicou.

O desenho é bastante correcto e principalmente a cabeça tem a expressão mais concorde com o grande espirito de Vieira.

UM CONCERTO EM FAMILIA

Quadro de Etienne Azambre.

A musica é a arte que tem mais cultores, desde os reis e príncipes até ao mais humilde pas-

A musica domina-nos sem nos opprimir, é um suave enlevo a que não resiste o espirito mais rude ou o coração mais duro.

Imagine-se, pois, o que será ouvir as suas harmonias desferidas no violino pelos dedos delicados de uma mulher formosa, como a que Etienne Azambre nos apresenta no seu quadro,



UM CONCERTO EM FAMILIA — QUADRO DE ETIENNE-AZAMBRE

JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

A gravura que publicamos a pag. 156 representa o grande cortejo a que nos referimos na chronica do n.º 666 e artigo do Jubileu da Rainha Victoria, publicado no mesmo numero.

Isto dispensa-nos de outro artigo illucidativo da gravura, que n'estes casos só illucida os ditos referidos artigos do n.º 666.

tor, que assós com o seu rebanho, nas montanhas, toca na flauta as canções pastoris, compostas dos gemidos dos ventos e do lalar das suas ovelhas, unicas notas da natureza que mais lhe poderão impressionar o espirito.

A musica nasceu com o mundo como tudo que é bello e que nos encanta. A musica nos sensibilisa e nos arrebatá. As suas harmonias tem inspirado poetas e tem encorajado guerreiros a correrem para a morte ou para a victoria.

um quadro intimo, que reproduz uma d'essas scenas de familia tão vulgares em todo a parte e muito especialmente na Allemanha, onde cada habitante é, por assim dizer, um musico, ou pelo menos um amador.



OS SERMÕES DO PADRE ANTONIO VIEIRA

Diz a historia da Igreja que, depois dos apóstolos, os primeiros transmissores da palavra de Christo foram os sanctos padres. Pregaram o christianismo, Santo Agostinho, S. João Chrysostomo, S. Bernardo, S. Domingos (que instituiu a Ordem dos pregadores) Santo Antonio de Pdua, S. Gregorio de Nazianzo, S. Cypriano, S. Francisco de Assis, S. Francisco de Sales, etc.

No seculo xviii brotaram na França, para gloria do pulpito, grandes pregadores como Bossuet, Fénelon, Boudaloue, Massillon, Fléchier e Mascaron.

No começo d'este seculo foram primorosos como pregadores o padre Lacordaire, Ravignan, o abbae Maury, etc.

Acompanhando o esplendor do pulpito pela eloquencia sagrada, Portugal apenas deu alguns passos pouco firmes produzindo um ou outro orador como Frei Balthazar Limpo arcebispo de Braga, Frei Christovão d'Almeida bispo de Martyria, Diogo de Paiva de Andrade, Frei Theotheo de Seabra e ainda outros de somenos importancia.

De repente, como meteoro deslumbrante, surgiu o padre Antonio Vieira, denominado o *Chrysostomo portuguez*, que a todos eclipsou pela sua assombrosa eloquencia, tornando-se não só o maior orador sagrado da península mas ainda o mais famoso do mundo, se exceptuarmos Bossuet.

Antonio Vieira consubstancia em si proprio os mais brilhantes predicados que nobilitaram e engrandeceram todos os pregadores que o precederam e se lhe seguiram; tem as metaphoras arrojadas, a força e o sublime de Bossuet, as pompas e a magnificencia de Boudaloue; a suave harmonia e as alegorias brilhantes e vivas de Massillon, o encanto irresistivel de Fénelon, o espirito, elegancia e delicadeza de Fléchier, e, até por vezes para variar nos seus quadros e colorido das suas imagens, o alambicado da forma e as hyperboles gigantescas de Mascaron. Tudo n'elle é abundante, rico, cheio de vida e de calor, prodigioso e grande no que pôde produzir o verbo, no que elle tem de mysterioso e divinal entre a alma humana e o Céu.

Era mestre entre os mestres e na arte de captivar o auditorio, de arrebatá-lo e arrastá-lo as multidões, de converter os infieis, de persuadir o incredulo, nunca houve quem o igualasse. Eis como elle explica o que deve ser o sermão.

«O sermão ha de ser d'uma só cor, ha de ter um só objecto, um só assumpto, uma só materia. Ha de tomar o pregador uma só materia, ha de defini-la para que se conheça, ha de dividil-a para que se distinga, ha de provar-a com a Escripura, ha de declaral-a com a razão, ha de confirmal-a com o exemplo, ha de amplial-a com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; ha de responder ás duvidas; ha de satisfazer ás difficuldades, ha de impugnar e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois d'isto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto é sermão, isto é pregar e o que não é isto é fallar de mais alto.

«Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma materia e continuar e acabar n'ella. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Uma arvore tem raizes, tem o tronco, tem ramos, tem folhas, tem fructos. Assim ha de ser o sermão. — Ha de ter raizes fortes e solidas porque ha de ser fundado no Evangelho; ha de ter um tronco porque ha de ter um só assumpto e tratar uma só materia. D'este tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos mas nascidos da mesma materia e continuados n'ella. Estes ramos não hão de ser seccos senão cobertos de folhas porque os discursos hão de de ser vestidos e ornados de palavras. Ha de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios; ha de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo ha de ter fructos que é o fructo e o fim a que se ha de ordenar o sermão.

«De maneira que ha de haver fructos, ha de haver folhas, ha de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só materia. Se tudo são troncos não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos não é sermão são maravilhas. Se tudo são folhas não é sermão são versas. Se tudo são varas não é sermão é peixe. Se tudo são flores não é sermão é ramallete. Se tudo são fructos, não pôde ser porque não ha fructos sem arvore.

«Assim que n'esta arvore, a que podemos cha-

mar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o vigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e este não levantado no ar senão fundado nas raizes do Evangelho.»

Não pôde dar-se definição mais completa, mais cabal, mais brilhante do que deve ser um bom sermão feito com todas as regras e arte.

A collecção dos sermões do padre Antonio Vieira consta de quinze volumes. Foi mandada colligir e publicar por D. Pedro II sendo ainda regente do reino pelo impedimento de seu irmão D. Alfonso VI. Antonio Vieira começou a coordenar-os n'uma certa ordem no Collegio de Santo Antão (hoje Real Hospital de S. José) sob as vistas do principal o reverendo padre João Paula Oliva.

Diz o privilegio real: «Eu o Príncipe Real e Governador dos Reynos e Senhorios de Portugal & dos Algarves Faço saber que o Padre Antonio Vieira me representou por uma petição que tinha impresso, com as licenças necessarias, a Prymeira Parte dos Sermões que offerece em hum Tomo que contem quinze, pedindome lhe fizesse mercê conceder privilegio, na forma do estylo & visto o que allegou hey por bem que por tempo de dez annos nenhum livreiro nem impressor possa imprimir nem vender o livro dos Sermões referidos nem mandallo vir de fora do Reyno sobpena de perdimento dos volumes que lhe torem achados e de cincoenta cruzados ametade para minha Camera & a outra para o accusador. Este Alvará, se cumprirá como n'elle contem & valerá posto que seu effeyto haja de durar mais de um anno sem embargo da Orden. do Liv. 2.º Tit. 40 em contrario. E pagou de novos direyos quinhentos e quarenta reis que se carregarão ao Thesoureiro d'elles Pedro Soares a fol. 63 do liv. 4 da sua receyta. Luis Godinho de Niza o fez em Lisboa a trinta de Setembro de mil seiscentos setenta e nove. Joseph Fagundes Bezerra o fez e escreveu. PANCIER—Marquez Mordomo-Mór.

Em vista do referido privilegio começou-se a impressão. O 1.º volume sahiu em 1679, o 2.º em 1682, o 3.º em 1683, o 4.º em 1685, o 5.º em 1689, o 6.º em 1690, o 7.º em 1692, o 8.º em 1694 o 9.º em 1686 que se publicou separado com a 1.ª parte da collecção dos sermões do Rosario) o 10.º que era a 2.ª parte, em 1689, o 11.º em 1696.

No anno seguinte falleceu na Bahia o grande missionario e annos depois publicou-se o 12.º volume (1699).

Em 1690 o volume 13.º, em 1710 o volume 14.º e finalmente em 1748 o volume 15.º e ultimo.

Em 1754 deu-se a publico mais um volume que forma o 16.º da collecção, mas n'este entram unicamente os sermões de louvor a Santo Antonio que já tinham vindo nos outros anteriores.

Antes do referido privilegio alguns dos sermões do grande mestre se publicaram isoladamente havendo até quem em Hespanha procurasse colleccional-os de mistura com outros de auctor anonymo. O padre Antonio Vieira queixou-se d'este desaforo no preambulo com que abre o seu primeiro volume. Debaixo do seu nome ali foram publicados uns *Sermões varios* dos quaes alguns lhe são completamente alheios.

Em 1664 sahiu em Madrid a 2.ª parte d'esse sermão e em 1678 a 3.ª Parte, mas tudo eivado de erros, viciado e deturpado.

Assim na 1.ª parte o Sermão do Juizo, o Sermão das Chagas e de S. Francisco acham-se cheios de erros e palavras que elle disse nem escreveu.

—E' bom prevenir os leitores — diz Vieira — porque os julgo roubados aos seus verdadeiros auctores e para que não se enganem com elles nem comigo.

Na 2.ª parte publicada em 1864 e que consta de vinte e dois sermões onze d'elles são de Vieira mas os outros onze obra de fancia.

Na collecção publicada em 1678 em que se apresenta ao publico dezenove sermões como sendo todos de bom oiro fino, sete d'elles são de pechisbeque. Os cinco do padre Antonio Vieira são:

Sermão de 4.ª feira de Quaresma.
Sermão do Cego.
Sermão do Mandato.
Sermão do Santissimo Sacramento.
Sermão de Santa Thexa de Jesus.

A estes se seguem tres fragmentos de outros com o titulo de:

Pensamentos predicaveis tirados dos papeis do Auctor.

Discurso sobre as qualidades de animo Real.
Discurso sobre a boa politica dos tributos.
Discurso sobre a immundidade da Igreja.

Tirados: o 1.º do sermão dos annos do rei em dia de S. José, o 2.º do sermão de Santo Antonio em Côrtes, e o 3.º do sermão de S. Roque, todos impressos em Portugal, mas nenhum d'aquelles discursos tem connexão, faltando-lhe o fundamento, o intento e o que lhes sobeja é acrescentado pelo traductor.

Quando acabarão esses vandalos das obras dos grandes escriptores, esses novos iconoclastas, de destruir ou mutilarem sem dó, nem consciencia, e só a titulo de refundirem edições e corrigil-as, quando acabarão elles de deturparem o que não lhe pertence, com a audacia que só pôde dar uma vaidade balofa, e que julgam emendar quando elles proprios são um erro vivente?

E não há entre nos uma lei, que assim como proíbe que se deterforem, pensadamente, ou se desfigurem, malevolamente, os monumentos nacionaes historicos, evite que se deturpem ou viciem as obras litterarias dos vultos geniaes, que foram o orgulho da nação como Camões, Garrett, Herculano, Antonio Vieira e Castilho.

Pois ella que venha porque um *Luziadas*, um *Eurico*, uma *D. Branca*, e tantas outras joias de subido quilate não podem estar á mercê de qualquer troca-tintas ou editor avariado.

Silva Pereira.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

(Continuado do n.º 660)

XII

A 24 de agosto largou a esquadriha do porto de S. Julião, depois de quasi cinco mezes ali passados, com bem pouco resultado para os progressos da expedição.

Durante esse tempo repararam-se os navios, não sem grandes difficuldades, como se sabe, e realisaram-se notaveis modificações nos commandos, em resultado da insurreição de Quezada e de Luiz de Mendonça.

Alvaro de Mesquita commandava agora a caravella *Santo Antonio* e João Serrão a *Conceição*. Magalhães confiara o commando da *Victoria* a seu cunhado Duarte Barbosa.

Antes da partida todos da esquadriha se prepararam espiritualmente com os soccorros da religião, confessando-se e communicando, como quem se dispunha para a grande empreza, consoante o costume do tempo.

Entretanto deu-se a bordo uma scena tocante, que impressionou tristemente toda a companhia e foi a despedida de João de Cartagena e do padre Pedro Sanches que tinham de ser abandonados em terra, conforme a sentença que a isso os condemnara.

Era lastimoso o seu estado, com tudo o respeito que Magalhães soubera incutir á sua gente, fez com que ninguem se appozesse a semelhante barbaridade, e os condemnados lá ficaram á mercê, na praia, apenas com provisão de bolachas e vinho para alguns dias.

Com que magua e, quem sabe arrependimento, viram os miseros levantar ferro os navios e largar as velas ao vento até desaparecerem na distancia do extenso mar, indo-se-lhe n'elles a esperanza de voltarem á patria, abandonados n'aquellas paragens até ali ignoradas para a navegação!

E a frota de Magalhães foi singrando no

mesmo rumo que Serrão já levava quando fora explorar a costa d'aquelle mar.

O tempo ia bonançoso, sem chuvas, nem vento rijo; mas já proximos do rio Santa Cruz principiou a desenvolver-se temporaes e tão violentos, que as caravellas estiveram a ponto de perder-se.

Diz Barros que Deus e os Corpos dos Santos é que os salvaram, referindo-se à aparição dos fogos de Santelmo nos topos dos mastros.

Era crença dos marinheiros n'aquelles tempos, e por muitos annos o foi ainda, que quando appareciam aquelles fogos nos topos dos mastros—hoje conhecidos como resultantes da electricidade—era signal de estar passado o perigo.

Aquelles temporaes detiveram a frota dois mezes no rio Santa Cruz, sem Magalhães poder proseguir na sua almejada descoberta.

A 18 de outubro, porém, o tempo parecia ter abrandado mais duradouramente, e Magalhães resolveu ir ávante, mandando fazer rumo para S. O. sem se afastar da costa.

Principiavam os navios, a entrar em mares até então desconhecidos, e o receio dos navegantes era cada vez maior. Vinha a memoria as historias phantasticas e horriveis que se contavam d'aquelles mares tenebrosos. A suprestição evadia todos os espiritos e apavorava os mais ousados. Só havia ali um espirito forte que tinha que repartir-se por todos, incutindo lhe animo e confiança: era o de Fernão de Magalhães, firme no seu proposito, crente na sua idéa. Com elle tinha que se impôr a todos os seus subordinados, fazendo-lhes saber, que haviam de ir até o fim, até encontrar a procurada passagem para o mar do Sul, ainda que tivessem de chegar a 75.º graus de latitude, ou os seus navios se afundassem no meio da porcella.

Não tardou que, de novo, a tempestade assaltasse as frageis caravellas, obrigando-as a estar á capa dois dias, mas abonçando ao terceiro, permittiu aos navegantes avançarem até 50.º de latitude, avistando a 21 de outubro, uma lingua de terra para S. O.

Esta vista alegrou Magalhães, que mais se fortaleceu na sua idéa, prevendo que aquella lingua de terra devia de ser a embocadura do estreito ou passagem para o mar das Indias.

Immediatamente tratou de mandar fazer um reconhecimento por Serrão e por Mesquita, que iam respectivamente nas caravellas *Conceição* e *Santiago*.

Mal, porém, estes navios se tinham apartado da frota, quando pela noite sobreveio um forte temporal, que se estendeu por toda a costa, pondo em eminente perigo tanto as caravellas que tinham ido ao reconhecimento, como as que ficaram á espera de noticias.

Parece que a Providencia se comprazia em contrariar tanta audacia e dar razão aos medrosos, que quasi tinham por louco o chefe da temeraria empresa.

Foi uma noite e um dia de infinda tormenta. As caravellas que haviam ancorado, largaram as amarras e abandonaram-se á porcella; a *Conceição* e a *Santiago* correram ao vento sem governo, em perigo de a cada momento vararem na costa. Diz Barros que os ventos dominantes, n'aquella quadra, eram do Sul, contrarios ao rumo dos navegantes. Tanto bastava para dificultar a viagem e augmentar os perigos em mares desconhecidos.

Mas a mesma Providencia que assim experimentava os navegantes, tambem lhes accendeu a esperanza no meio da tormenta, pois que as duas caravellas corridas do tempo, quando os navegantes se julgavam perdidos, devisaram estes uma aberturasinha ao longo da costa que lhes pareceu ser como que a entrada de alguma bahia.

Manobrando com grande difficuldade, fizeram prôa para lá, e seguindo sempre ávante transpuzeram aquella entrada e encontraram se n'uma bahia, e, como o tempo os não deixasse deter, foram correndo as caravellas até que entraram n'outra garganta de terra para além da qual se acharam em espaçosa bahia, como ainda não tinham encontrado.

Ali serenou a tempestade, e os navegantes poderam reconhecer onde estavam, resolvendo Serrão e Mesquita voltarem a juntar-se a Magalhães a participar-lhe a boa nova.

A abertura na costa, para que os navegantes aproaram as suas caravellas, foi, sem duvida, um raio de esperanza que lhes sorriu entre a porcella, e por isso a denominaram estreito de Nossa Senhora da Esperança. A primeira bahia denominaram-n'a depois, de S. Gregorio, e ao segundo estreito, de S. Simão.

(*Continúa*).

CAETANO ALBERTO.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(*VEPSÃO*)

(*Continuado do n.º 667*)

X

Chegado á cidade de La Plata, colloquei-me em casa do capitão D. Francisco de Aganumen, biscainho, mineiro muito rico, onde apenas estive alguns dias. Deixei o logar por causa de uma questão que tive com outro biscainho, amigo de meu amo.

Emquanto andava tratando de me empregar, retirei-me para casa de uma senhora viuva, chamada D. Catalina de Chaves, a mais considerada e qualificada da cidade, ao que se dizia. Graças a um dos seus creados, com o qual travára conhecimento por acaso, permittiu-me ella, que emquanto tratava de arranjar collocação, ficasse em sua casa.

Ora aconteceu que, em quinta feira Santa, esta dama, indo ás estações, se encontrou em S. Francisco com D. Francisca Marmolejo, mulher de D. Pedro de Andrade, sobrinho do conde de Lemos. Por questões de precedencia, tiveram ellas uma violenta discussão, chegando D. Francisca ao extremo de até querer dar com um dos seus chapins em D. Catalina. Imagine-se a grande balburdia que houve e a agglomeração popular que as cercou.

D. Catalina conseguiu voltar para sua casa, onde affluiram logo os parentes e mais pessoas das suas relações e conhecimento.

O caso—nem o era para menos—foi ferozmente commentado.

A outra dama ficou na igreja no meio de egual concurso de pessoas suas conhecidas e amigas, sem que ousasse sahir, até que, ao cair da noite, veio D. Pedro, seu marido, acompanhado de D. Raphael Ortiz de Sotomayor, o corregedor—que está hoje em Madrid—e cavalleiro de Malta, dos alcaides ordinarios e de guardas com archotes accessos para a acompanharem a casa.

Seguindo pela rua que vae da de S. Francisco á praça, ouviu-se barulho de contenda e tinir de ferros. O corregedor, os alcaides e os meirinhos deitaram a correr em direcção ao local da lucta, deixando a dama só com seu marido. Ao mesmo tempo, passou junto d'elles, correndo, um indio, e, na sua passagem, vibrou na cara de D. Francisco de Marmolejo um golpe com navalha ou faca que lhe feriu de lado a lado, e continuou na sua carreira. O golpe foi tão repentino, que o marido, D. Pedro, não deu logo pela aggressão.

Bem depressa o tumulto se tornou enorme. A vozaria, o alarido, a confusão, o ajuntamento e novos golpes, prisões, tudo augmentou, sem que ninguem se pudesse entender.

Entretanto, o indio dirigia-se a casa de D. Catalina, e, entrando, disse a s. ex.º:

— Está prompto.

A inquietação crescia com o receio de maiores desgraças. Alguma coisa devia ter resultado das diligencias que se fizeram, porque, ao terceiro dia, foi o corregedor a casa de D. Catalina, a quem encontrou muito bem sentada no seu tamborete.

O corregedor recebeu d'ella o juramento do costume, e interrogou-a no sentido de se informar se D. Catalina sabia quem dera a facada no rosto de D. Francisca de Marmolejo.

Respondeu ella, dizendo que sim.

— Então, perguntou elle, quem foi?

— Uma navalha e esta mão.

O corregedor sabiu logo, deixando alguns dos seus guardas.

Interrogou um a um todos os creados da casa, e, chegando a um indio, a quem metteu medo com a tortura em cavallete, o cobarde declarou falsamente: que me vira sahir, disfarçado com um fato e cabelleira de indio, fornecidos por sua ama; que Francisco Ciguren, barbeiro biscainho, fornecera a navalha; e que me tinha visto entrar em casa e ouvido dizer:— Está prompto.

Immediatamente, o corregedor nos prendeu, a mim e ao barbeiro; e, carregando-nos de ferros, pôz-nos incommunicaveis no segredo. Ficámos separados.

Alguns dias se passaram assim.

Uma noite, um alcaide do tribunal da Real Audiencia, que tomára a causa á sua conta, não sei porquê, entrou na prisão e submetteu o barbeiro a um longo interrogatorio, em que elle confessou logo o caso na parte que lhe pertencia e o crime do outro cumplice.

(*Continúa*)

Esteves Pereira.



REVISTA POLITICA

Talvez os leitores tenham notado a falta d'esta revista, não pelo que ella vale, mas pelo costume de a ver apparecer aqui de vez em quando.

A ausencia agora foi maior, e bem medida a trago eu, pelos dias de doença que tenho passado, mais em convivio com os esculapios do que com os politicos, mais entendido em panaceias do que em medidas de fazenda, o que não quer dizer que umas e outras se não confundam como os gatos pretos, chegando até, em Portugal, a serem synonymo da mesma significação.

E por assim ter andado afastado do theatro da politica—como espectador da plateia, bem entendido—vejo-me em difficuldades para format meu juizo do que se tem passado nos bastidores e fazer a critica, com licença do ministerio publico, das scenas representadas.

E quem tal diria, ha seis mezes, quando a actual situação subiu ao poder, largando redeas ás liberdades publicas, que ninguem lhe pedia, que dentro em pouco choveriam querellas sobre

a imprensa por criticar menos favoravelmente os actos do governo!

Lembra-me uma caricatura de Nogueira da Silva a propósito da celebre questão de triste memoria, a *Charles et George*, em que figurava Napoleão III e seus façanhudos bigodes, chocando um grande gigo cheio de escravos, com a legenda: *Queres liberdade, prepara-te para a escravidão!*

Para isto não valia a pena tanto alar em se anunciar tão altamente liberal um governo, que pouco depois da amorosa e terna carta do sr. ministro da justiça á imprensa, punha em campo a policia e o ministerio publico, a aprehender jornaes e a forjar querellas contra os mesmos, por artigos mal soantes á sua politica.

Mas ainda ha mais e melhor. Como o programma do governo não agradou a uma boa parte do paiz e os expedientes do sr. ministro da fazenda provocassem protestos em comicios e outras reuniões pacificas, o sr. ministro do reino e presidente do conselho, mandou logo pôr de prevenção a guarda municipal e declarou no parlamento, que faria respeitar as leis e manter a ordem ainda

do ouro, não é intenção do governo recorrer ao lançamento de novos impostos ou ao aggravamento dos existentes, porque com os actuaes processos de lançamento e cobrança já são em demasia onerosos. Proporá, com esse fim, uma operação financeira sobre as verbas consignadas para pagamento ás classes inactivas, de modo a alliviar os encargos do thesouro nos primeiros annos, contando no futuro, para compensal-os, com o crescente desenvolvimento das receitas do Estado e diminuição nas despesas publicas pela melhoria da nossa situação economica».

Este paragrapho do discurso da corôa põe-me n'uma confusão dos demonios.

Começa por dizer que o desequilíbrio orçamental é exclusivamente devido ao agio do ouro, mas para restabelecer o equilibrio diz: Proporá, com esse fim, uma operação financeira sobre as verbas consignadas para pagamento das classes inactivas, de modo a alliviar os encargos do thesouro etc. Fico em duvida se o desequilíbrio orçamental provem exclusivamente do agio do ouro, ou do pagamento ás classes inactivas. Depois acrescenta: «...

Devorei com os olhos todo o discurso, até á ultima linha e, não fiquei seguro se teria passado em claro algum paragrapho ou periodo, porque não encontrei mais palavra sobre tal assumpto. Tornei a lêr; e nada. Não se me apagou comtudo a esperanza. Devia ser esquecimento. lapso, na pressa, talvez, com que foi escripto o discurso da corôa. Isto de pressas tem estes inconvenientes e já o marquez de Pombal dizia: «Devagar que tenho pressa».

O sr. ministro da fazenda lá tinha o seu plano, que appareceria nas propostas de fazenda, e então não valia esmorecer.

Chegaram enfim as propostas de fazenda apresentadas ao parlamento ha pouco mais de 8 dias, isto é, bons seis mezes depois que o governo subiu ao poder, mas que desalento! O sr. ministro da fazenda não apresenta proposta de reforma do lançamento e cobrança de impostos, pelo que estes continuarão a ser em demasia onerosos, com canhecimento do governo que o confessa no discurso da corôa.

Em lugar de uma sabia reforma que desopprimi-

7.ª EXPOSIÇÃO DO «GRÊMIO ARTÍSTICO»



AS MELANCIAS — Quadro do sr. H. Pinto

que para isso tivesse de saltar por cima das ditas leis.

Foi uma bomba de effeito e nunca as mãos lhe doam por fazer respeitar as leis e manter a ordem, como cumpre a todos os governos, mas o saltar por cima das leis é que é um tanto forte, para qualquer governo liberal, quanto mais para a nata do liberalismo que o actual governo parecia ter tomado por sua divisa. Dá d'estes resultados negativos o querer armar á popularidade com theorias muito bonitas mas, em geral, nada praticas.

Foi pouco prudente e nada politica aquella declaração do sr. presidente do conselho, porque de resto os comicios continuaram e a proposito não deixaremos de citar um caso curioso e comico que se deu no ultimo d'esses comicios, e foi o da auctoridade o dissolver precisamente quando um dos oradores citava textos do *Correio da Noite*, orgão do governo, mas escriptos antes de este subir ao poder. Por isto se pôde fazer ideia da doutrina d'esses escriptos que a auctoridade julgou agora offensiva das instituições!

Com estas preocupações de liberdades se tem entretido o governo, parecendo dar-lhe pouco cuidado a questão magna, qual a da fazenda publica.

Ainda no discurso da corôa se diz a respeito do estado da fazenda: «Para saldar o desequilíbrio orçamental, devido exclusivamente ao agio

contando no futuro para compensal-os — os encargos do thesouro — com o crescente desenvolvimento das receitas do estado e diminuições nas despesas publicas pela melhoria da nossa situação economica». Não percebo como a melhoria da situação economica fará diminuir as despesas do Estado a não ser que este esteja distribuindo diariamente alguma sopa economica por todo o paiz. Mas temos ainda n'este paragrapho as seguintes palavras respeitantes a impostos, que dizem: «... não é intenção do governo recorrer ao lançamento de novos impostos ou aggravamento dos existentes, porque com os actuaes processos de lançamento e cobrança já são em demasia onerosos.»

Estas palavras faziam nutrir a esperanza ou mais que a esperanza, ter a certeza de que o governo ia remediar immediatamente este grande mal. O governo confessando perante o parlamento e perante a nação, que os processos de lançamento e cobrança dos impostos os tornava em demasia onerosos, era evidente que tinha estudado o assumpto, que via o modo de modificar os processos de lançamento e cobrança dos impostos a estes deixarem de ser em demasia onerosos, e ia acudir promptamente a esse gravame que opprime o contribuinte e atrofia o desenvolvimento economico do paiz.

ma o contribuinte e dê largas á expansão economica do paiz, o sr. ministro da fazenda apresenta ao parlamento um roziario de propostas para uma infinidade de empréstimos por atacado, para o caso, talvez, de falhando uns ter já outros sobre mão.

Que prodigiosa fecundidade!

Lembra-me de um bohemio que conheci, que todas as manhãs escrevia uma enfiada de cartas dirigidas a varios individuos, amigos ou simplesmente conhecidos, a pedir-lhes dinheiro.

Um gallego levava a primeira carta e quando voltava, o bohemio logo lhe perguntava.

— Cahiú?

O gallego:

— Não chinhor.

Presto levava outra a outro individuo, e se d'aquella vez não era ainda bem succedido levava tantas quantas precisas até algum cahir. Então o gallego voltava risonho.

— Este cahiú chinchinhor.

João Verdadeiro.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29